



Imagem gerada por IA (*Midjourney*) a partir dos termos: power, biopolitics, exploitation, vitality, bodies, subjectivities, farmacological and imgetic regime, identity

NOTAS SOBRE EROTISMO, EXCESSO E ACUMULAÇÃO BILIONÁRIA*

Paula de Toledo Ordonhes  0009-0008-4290-4290
Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, Brasil

Resumo

Partindo da noção de erotismo de Georges Bataille, que traz a desmedida e o excesso como elementos fundamentais, procuraremos refletir sobre os processos de subjetivação dos maiores acumuladores financeiros de nosso tempo, os bilionários. Interrogaremos-nos se a desmedida acumulação que praticam poderia ser expressão de um Eros ruinoso aparentado ao dos personagens criados pelo Marquês de Sade e tematizados por Bataille e outros autores. Investigaremos características presentes nos protagonistas das ficções sadianas, como a apatia, o gosto pela enumeração e a linguagem demonstrativa, cotejando-as às práticas corporativas neoliberais com o intuito de verificar possíveis aproximações. Analisaremos ainda se os pré-requisitos para a consecução dos deboches sadianos, como o enclausuramento e a aliança entre iguais, podem ser também pensados como condições para a acumulação financeira levada ao paroxismo por bilionários.

Palavras-chave

Erotismo; excesso; acumulação; subjetivação; neoliberalismo.

NOTES ON EROTICISM, EXCESS AND BILLIONAIRE ACCUMULATION

Abstract

Based on Georges Bataille's notion of eroticism, which brings immoderation and excess as fundamental aspects, we will reflect upon the processes of subjectivation of the greatest financial accumulators of our time, the billionaires. We will ask ourselves whether the excessive accumulation they practice could be an expression of a ruinous Eros similar to that of the characters created by the Marquis de Sade and thematized by Bataille and other authors. We will investigate characteristics present in the protagonists of Sade's fictions, such as apathy, the taste for enumeration and demonstrative language, comparing them with neoliberal corporate practices in order to verify possible approximations. We will also analyze whether prerequisites for the sadian debauchery, such as enclosure and alliance between equals, can also be thought of as conditions for the financial accumulation brought to paroxysm by billionaires.

Keywords

Eroticism; excess; accumulation; subjectivation; neoliberalism.

Submetido em: 06/10/2023

Aceito em: 04/12/2023

Como citar: ORDONHES, Paula de Toledo. Notas sobre erotismo, excesso e acumulação bilionária. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 48320, jul./dez. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Introdução

A hipótese que fundamenta nosso ensaio é a de que uma certa eroticidade estaria presente na acumulação financeira. Por essa razão dedicamo-nos à leitura da obra de Georges Bataille sobre o erotismo, tomando suas reflexões sobre o excesso e a desmedida da experiência erótica como possíveis pistas para compreender os processos de subjetivação contemporâneos e perguntando-nos se tais noções poderiam atravessar as práticas de acumulação levadas ao paroxismo por bilionários. Tencionamos investigar se a desmedida acumulação financeira poderia ser expressão de uma "forma ruinosa"¹ de erotismo, percebida por Bataille na obra de Sade. Para isso, cotejaremos características de personagens e ficções sadianas elencadas por Bataille e outros leitores do autor setecentista às práticas neoliberais de acumulação, verificando possíveis aproximações. Antes disso, contudo, apontaremos alguns aspectos centrais à noção de erotismo de Bataille.

1. Erotismo em Bataille

Em *O erotismo*, Bataille aponta que os organismos vivos estariam necessariamente marcados por uma forma de descontinuidade, já que podem ser descritos como sistemas que, se estão em constante relação com outros sistemas, são também continentes de certas características que os circunscrevem enquanto indivíduos. Em contato com outros vivos, podem vir a experimentar uma certa continuidade com e através deles, ao mesmo tempo em que procuram esquivar-se dessa experiência, pois desejam autoconservar-se, o que pressuporia a manutenção de uma certa descontinuidade vital. O encontro erótico seria, assim, uma experiência que bordejaria a morte, na medida em afasta o vivente daquilo que o define, colocando em cheque sua condição de indivíduo.²

Ser retirado do isolamento é uma experiência que envolve certa violência. Bataille fala em um rompimento antecedido por excesso de pressão ou compressão:³ uma plethora. A palavra plethora designa um acúmulo de seiva ou de sangue que provoca turgidez em estruturas orgânicas, indicando abundância. O autor formula que "o fundamento objetivo da crise é a plethora"⁴ – uma superabundância que conduz à ruptura inevitável. O desejo de transpor a plethora e passar à experiência de continuidade funda a transgressão que caracteriza o momento erótico. A experiência de transgressão não é a negação do interdito, mas seu complemento, "como um movimento de diástole completa um de sístole".⁵ O interdito corresponde para Bataille ao tempo profano do trabalho, da produção, da aquisição; este seria o momento de acumular recursos, energia, dinheiro. O tempo sagrado, momento da dilapidação ou dissipação do acúmulo, teria lugar no encontro erótico, na festa, na cessão de bens e recursos.⁶

¹ BATAILLE, *O erotismo*, p. 198.

² BATAILLE, *O erotismo*, p. 39.

³ BATAILLE, *O erotismo*, pp. 115-117.

⁴ BATAILLE, *O erotismo*, p. 124.

⁵ BATAILLE, *O erotismo*, p. 89.

⁶ BATAILLE, *O erotismo*, p. 92.

As manifestações eróticas estabeleceriam, assim, uma relação transgressiva com alguns dos interditos que nos regram: o trabalho, a utilidade, o cálculo. O erotismo apontaria para um excesso que não pode ser contido, um transbordamento em relação a certo conjunto de leis humanas. Essa noção de um excesso incontornável permeia diversas formulações de Bataille. O excesso se manifestaria como algo inerente à vida, já que toda a energia que anima os seres quer ser dissipada, e não acumulada. O sol, argumenta em *A parte maldita*, dilapida energia sem demandar por ela qualquer contrapartida.⁷ A energia solar absorvida pelos seres vivos e utilizada em seu crescimento e na manutenção de suas funções vitais eventualmente volta a se dissipar, argumenta o autor. Esse princípio se aplicaria também aos seres humanos e suas formações simbólicas, determinando que, de uma maneira ou de outra, ainda que procuremos adiar tais momentos, terminemos por dilapidar energia de diversas formas. As manifestações de eroticidade seriam parte desse movimento inexorável.

Bataille estende suas reflexões aos domínios da economia política ao tratar do dispêndio improdutivo,⁸ operação que permitiria a vazão de um excedente de recursos – sua "parte maldita"⁹ –, dando lugar a uma grande dilapidação. Essa "exigência de luxo"¹⁰ não se sujeitaria às leis liberais da utilidade e do cálculo. Trata-se de uma experiência marcada pela desmedida e pelo excesso, tal qual a experiência erótica.

A acumulação pode ser compreendida como par antitético do dispêndio e de seu caráter transgressivo. Se pensarmos, contudo, que a concentração de renda na escala que hoje experimentamos está marcada por desmedida e excesso, parece-nos ser possível dizer que também na acumulação há carga erótica. Para investigarmos de que espécie de carga erótica se trata, gostaríamos de refletir sobre o erotismo que Bataille nomeia como ruinoso, ou a eroticidade sadiana, intuindo que ela nos dará suporte para interrogar a acumulação levada ao paroxismo por indivíduos bilionários sob o neoliberalismo.¹¹

2. Características do erotismo sadiano

O sistema sadiano apontaria para o "desejo de uma existência livre de limites".¹² Para dar corpo a essa forma extrema de liberdade, a negação absoluta do outro torna-se imprescindível. O parceiro sexual do protagonista sadiano só pode ser vítima, jamais um semelhante, pois considerar o outro como sujeito imporia restrições a seu gozo,¹³

⁷ BATAILLE, *A parte maldita*, p. 50.

⁸ Cf. BATAILLE, *A noção de dispêndio*.

⁹ Cf. BATAILLE, *A parte maldita*.

¹⁰ BATAILLE, *A parte maldita*, p. 57.

¹¹ Acompanhando os desenvolvimentos de Dardot e Laval, compreendemos neoliberalismo como um sistema de normas que se inscrevem "nas práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais" (DARDOT; LAVAL, *A nova razão do mundo*, p. 30), instituindo modos de subjetivação tornados hegemônicos sob a atual fase do capitalismo, sobretudo a partir dos anos 1970. De acordo com os preceitos neoliberais, a economia torna-se "disciplina pessoal" (DARDOT; LAVAL, *A nova razão do mundo*, p. 331), normalizando a competição e a busca pela melhor *performance* em múltiplas esferas da vida social.

¹² BATAILLE, *O erotismo*, p. 194.

¹³ A expressão de gozo a que Bataille se refere ao tratar do erotismo sadiano aponta para uma experiência de extrema intensidade. Ainda que no senso comum a palavra gozo seja associada a desfrute ou prazer, entendemos que tal experiência possa ser melhor assimilada como

levando-o a ter de negociar a realização de seus desejos e reduzindo a intensidade do deboche.¹⁴ As parcerias entre personagens – como a que se estabelece entre os quatro aristocratas que comandam os trabalhos no castelo de Silling, em *Os 120 dias de Sodoma* – se dão para a consecução de suas empreitadas; não se trata de parcerias eróticas. O gozo de cada debochador é solitário. A experiência de continuidade com outros vivos não faz parte do erotismo sadiano, pois isso negaria o princípio de soberania absoluta que o fundamenta.

Grosso modo, podemos dizer que a característica mais conhecida dos protagonistas das ficções de Sade é a imposição voluntária de sofrimento a outros seres humanos como fonte de gozo. Não é, contudo, sobre esse aspecto do programa sadiano que gostaríamos de nos debruçar. Interessam-nos outras dimensões de tais personagens convergentes com o tipo de eroticidade que intuímos presente no ato de fazer fortuna: a apatia ou sangue-frio; a dilação;¹⁵ a paixão pelas enumerações; o recurso à demonstração. Gostaríamos de indagar, a partir dessas pistas, de que modo a desmesura presente na experiência erótica pode ter sido apropriada pelo "espírito" capitalista na figura de uma desmedida acumulação. Interessa-nos perscrutar se poderia haver eroticidade na acumulação financeira enquanto requisito para operações futuras nas quais os ganhos projetados sejam cada vez mais espetaculares. Pretendemos, ainda, refletir de que modo tal acumulação constitui-se em um requisito para a manutenção da hierarquia entre indivíduos estimulada pelos processos de subjetivação neoliberais.

3. Apatia

O cerne do sistema sadiano estaria na "exigência de soberania se afirmando por uma imensa negação"¹⁶ – negação do estatuto de sujeito ao outro, mas também negação

indeterminação entre satisfação e insatisfação, já que aponta para um apetite insaciável e um ideal inatingível. Em *A nova razão do mundo*, Dardot e Laval utilizam o termo gozo no sentido que lhe confere Jacques Lacan, associado à expressão de uma certa indistinção entre satisfação e repulsa e por uma inclinação à repetição. Intuímos ser possível relacionar ambas as noções de gozo, sem pretender, contudo, equipará-las.

¹⁴ A palavra francesa *débauche*, formalmente semelhante à palavra deboche em português, significa sobretudo libertinagem, devassidão, desregramento. Acreditamos que a opção dos autores/tradutores brasileiros que acessamos por traduzi-la como deboche indique a intenção de abarcar os demais significados que essa palavra carrega em português – escárnio, tripúdio, zombaria –, ampliando de alguma maneira o sentido de *débauche*, sem contradizer seu significado mais estrito.

¹⁵ A dilação – adiamento, protelação, demora – estaria associada em Sade à apatia e seria responsável pela intensificação do gozo. Em um movimento semelhante, a acumulação financeira ou de recursos materiais parece-nos indicar também "um recuo diante do prazo de expiração inevitável" (BATAILLE, *A parte maldita*, p. 38), um adiamento do dispêndio, seja ele produtivo – aquisições e negócios que tencionem ampliar a acumulação – ou improdutivo – o luxo em suas diversas formas.

¹⁶ BLANCHOT, *Lautréamont et Sade*, p. 34, tradução nossa. Assim como para Blanchot, para Deleuze "o que está em jogo na obra de Sade é a negação em toda a sua extensão, em toda a sua profundidade" (DELEUZE, *Sacher-Masoch*, p. 27). Deleuze diferencia a negação em duas formas ou escalas: a negação como processo, parcial; e a negação pura, totalizante. O protagonista sadiano se decepciona porque a negação pura é impossível (DELEUZE, *Sacher-Masoch*, p. 27). A soberania absoluta do programa de Sade só existe, portanto, enquanto abstração, ou enquanto imaginação.

de aspectos da própria subjetividade com vistas a buscar o "ápice do impossível".¹⁷ Tal disposição é chamada por Sade de apatia. Adorno e Horkheimer lembram que Kant considerava a apatia um "pressuposto indispensável da virtude"¹⁸, uma vez que "a calma e a determinação" constituem sua força.¹⁹ Para o protagonista sadiano, toda operação deve ser planejada e organizada. É preciso combater a espontaneidade em suas diversas formas para que seja possível acumular forças, comprimindo paixões de modo que se transformem em energia. Há nos protagonistas de Sade um paradoxal estoicismo, um autocontrole que visa o absoluto e grandiloquente futuro, momento de consecução das empreitadas.²⁰ É preciso suprimir afetos gregários para acumular a força que de outro modo teria sido desperdiçada, nas palavras de Blanchot, em "impulsos debilitantes"²¹; esse é o trabalho que leva o personagem sadiano ao "começo de uma energia verdadeira"²². A demanda por uma liberdade sem limites, resposta ao "desejo de se mostrar superior aos outros"²³, exige que o cálculo seja convocado, condensando afetos para transformá-los em ação.

Bataille aponta que o calculismo do protagonista sadiano leva-o também à negação de si. A recusa do estatuto de sujeito ao outro é acompanhada pela recusa da própria espontaneidade. A dupla negação a que se submete o protagonista de Sade, somada à determinação que visa exacerbar os resultados de seus esforços, levam-no a uma grandiloquência compulsória. Ainda que o sentido último de sua conduta seja a liberdade absoluta, o sujeito sadiano "não é livre para condescender",²⁴ estando atado à obrigação de transgredir limites e de procurar atingir um ápice idealizado.

"A razão", escrevem Adorno e Horkheimer, "é o órgão do cálculo, do plano, ela é neutra com respeito a objetivos, seu elemento é a coordenação"²⁵. Segue uma fala da personagem Juliette, de Sade, sobre a autodisciplina exigida do personagem sadiano:

Primeiro, imagine seu plano com vários dias de antecedência, reflita sobre todas as consequências, examine com atenção o que poderá lhe ser útil... o que seria suscetível de traí-la, e pese essas coisas com o mesmo sangue-frio como se tivesse a certeza de ser descoberta.²⁶

¹⁷ BATAILLE, *O erotismo*, p. 201.

¹⁸ KANT, *A metafísica dos costumes*, p. 251, *apud* ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 93. Na tradução de Kant que acessamos, o texto é um pouco diferente, mas tem o mesmo sentido: "A virtude pressupõe necessariamente a apatia (considerada como força)" (KANT, *A metafísica dos costumes*, p. 251).

¹⁹ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 93.

²⁰ Para Blanchot, na literatura de Sade o deboche a sangue-frio é maior que aquele "executado no ardor dos sentimentos" (BLANCHOT, *La raison de Sade*, p. 45, tradução nossa). No mesmo sentido, Barthes afirma que em Sade só há erotismo quando "se raciocina" (BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 18).

²¹ BLANCHOT, *Lautréamont et Sade*, p. 44, tradução nossa.

²² BLANCHOT, *Lautréamont et Sade*, p. 44, tradução nossa.

²³ BATAILLE, *O erotismo*, p. 201.

²⁴ BATAILLE, *O erotismo*, p. 202, grifo do autor.

²⁵ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 87.

²⁶ SADE, *L'histoire de Juliette*, v. 8, p. 58, *apud* ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 93.

O sangue-frio é fundamental às empreitadas sadianas. Gilles Deleuze formula que os deboches dos protagonistas de Sade só atingem a perfeição quando se pratica o raciocínio.²⁷ A apatia do sujeito sadiano depende inteiramente do exercício da razão.

Em *Sonho grande*,²⁸ obra que versa sobre a cultura organizacional das empresas de alguns dos homens mais ricos do Brasil e do mundo, encontramos a expressão "sangue-frio" para descrever o cálculo necessário às operações financeiras e decisões gerenciais levadas a cabo pelos retratados. "O sangue-frio para lidar com momentos dramáticos como esse foi desenvolvido ao máximo não só durante sua trajetória como banqueiros e empresários, mas também no esporte".²⁹ "O baque exigiu medidas rápidas e drásticas. O sangue-frio do ex-operador de mercado entrou em cena".³⁰ "Quem não tem sangue-frio sucumbe no meio do caminho".³¹

Barthes observa que, no sistema de Sade, "os 'transbordamentos' devem ser rentáveis".³² Cada operação deve integrar uma economia maior, e essa economia e seu conjunto de práticas tem um mote, um eixo; trata-se de uma dinâmica planificada. Os operadores do sistema de Sade não improvisam: calculam, mensuram e agem de modo a auferir sempre a maior rentabilidade possível. O cálculo com que os personagens sadianos planejam suas empreitadas nos remete às operações levadas a cabo pelos grandes agentes do capitalismo neoliberal. Os cortes sistemáticos de custos conduzidos por gestores nas organizações de trabalho indicam a busca por rentabilidades cada vez maiores – homóloga, em nossa leitura, à perseguição de ápices idealizados que encontramos nas ficções de Sade. O impacto concreto nos corpos de quem é alvo de tais medidas é omitido pelos números opacos dos relatórios de gestão. A negação do outro fica, assim, escamoteada pela technicalidade do discurso.³³

4. Dilação

Como já dito, em Sade a acumulação de energia e recursos é condição para o gozo que mira o absoluto. A grande obra dos protagonistas sadianos impescinde do acúmulo exigido para sua própria transgressão. Para tanto, o foco deve estar necessariamente no futuro. O tempo presente se organiza com vistas a um porvir grandioso.

Estreitamente ligada à apatia, a dilação nos parece um dos predicados centrais a sugerir aproximações entre a programática sadiana e as práticas neoliberais. O termo dilação indica adiamento, protelação, distensão no tempo. Se pensarmos com Bataille, a

²⁷ DELEUZE, *Sacher-Masoch*, p. 21.

²⁸ Cf. CORREA, *Sonho grande*.

²⁹ CORREA, *Sonho grande*, p. 34.

³⁰ CORREA, *Sonho grande*, p. 125.

³¹ CORREA, *Sonho grande*, p. 66.

³² BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 192.

³³ Encontramos em *Sonho grande* o relato da demissão de 6500 funcionários de uma das empresas tematizadas no livro. "Estávamos grandes demais, inchados, e foi necessário fazer um grande ajustamento", declarou à época o executivo responsável pela operação (CORREA, *Sonho grande*, p. 87). O "controle de custos inclemente" (CORREA, *Sonho grande*, p. 36) é enunciado e colocado em prática enquanto medida técnica, incorporada, pautada em uma racionalidade que transcende a escala humana, e que, no entanto, tem efeitos inegavelmente concretos sobre os implicados. Tal dissociação entre a máxima abstrata e os corpos daqueles que são por ela afetados nos parece homóloga à cisão produzida pelas dinâmicas de que nos falamos Blanchot e Bataille.

acumulação de riqueza constitui uma forma de dilação – um recuo diante da inevitabilidade do dispêndio.³⁴ O adiamento do gozo é essencial à sua exacerbação, à sua grandiloquência. A criação de um estoque de energia conduziria a uma ruptura voluptuosa muito mais intensa do que seria possível caso a dilação não estivesse presente. É nesse sentido que compreendemos a acumulação como um elemento essencial à erótica sadiana.

Pensando nas formas de subjetivação contemporâneas e em sua gênese, julgamos perceber uma homologia entre as formas da dilação ou adiamento do gozo e da chamada austeridade econômica propalada pela doutrina neoliberal. Entendemos que a austeridade pode ser compreendida como uma forma de amplificar o efeito erótico da acumulação, pois o potencial dispêndio (ruptura) que se segue ao acúmulo (pletora) é exacerbado pela contenção de custos – ainda que tal dispêndio seja apenas imaginário, ou seja, que se pretenda protelá-lo ao infinito. Podemos pensar também que a austeridade amplifica o efeito erótico do próprio acúmulo, se considerarmos que a pletora é lugar de desmesura e excesso, predicados do erotismo para Bataille.

Além do chamado controle de custos, entendemos haver outra forma de austeridade bastante difundida enquanto conduta moral sob os processos de subjetivação capitalistas: a frugalidade. Bataille nos lembra que os abastados modernos não ostentam suas fortunas abertamente; antes, preferem realizar seus dispêndios de forma privada.³⁵ Enquanto figuras públicas, muitas vezes apresentam-se como indivíduos de hábitos frugais, em acordo com a ética protestante estudada e exposta por Weber.³⁶ Correa descreve numerosas situações nas quais a frugalidade figura como um valor dentro das empresas tematizadas em seu livro. "Dentro e fora do banco, ele sempre foi um homem de modos simples [...] não usava relógios de grife, não dirigia carrões importados".³⁷ "Incentivavam a frugalidade e colocavam o sucesso do banco acima dos desejos ou vontades pessoais".³⁸ "Executivos viajavam na classe econômica e se hospedavam em hotéis três estrelas (não raro dois profissionais tinham que dividir o mesmo quarto). As refeições em restaurantes eram modestas".³⁹ Se a regra de ouro é acumular, a maior parte dos ganhos precisa ser reinvestida na própria corporação com vistas a ampliar seus rendimentos no futuro, num moto-contínuo de autovalorização. Para tanto, o adiamento dos desfrutes deve ser exaltado enquanto predicado moral.

Demonstrações de frugalidade performadas por indivíduos bilionários constituem, em nossa leitura, uma forma de dilação. Fortunas gigantescas apontam para um futuro superlativo; a contrapartida por tal acúmulo não virá, contudo, na fruição oferecida pelo gasto finalmente realizado. A empresa deve ser maior que os sujeitos que a empreendem, assim como a empreitada sadiana ultrapassa seus protagonistas.

³⁴ BATAILLE, *A parte maldita*, p. 38.

³⁵ "Os representantes da burguesia adotaram uma atitude retraída: a ostentação de riquezas se faz agora entre quatro paredes" (BATAILLE, *A noção de dispêndio*, p. 27).

³⁶ Cf. WEBER, *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*.

³⁷ CORREA, *Sonho grande*, p. 64.

³⁸ CORREA, *Sonho grande*, p. 56.

³⁹ CORREA, *Sonho grande*, p. 23.

5. Desempenho ou *performance*

Roland Barthes observa que as empreitadas sadianas se assemelham a linhas de montagem industriais nas quais os indivíduos participam como partes componentes, formando "um imenso e sutil jogo de engrenagens".⁴⁰ Se a máquina foi a referência para a organização do trabalho e constituição dos sujeitos durante o capitalismo industrial, o esporte competitivo é o modelo para a formação das subjetividades neoliberais. Adorno e Horkheimer destacam que Sade teria colocado em prática através de seus personagens uma forma de racionalidade que procura programar e tornar produtivos todos os momentos da vida, inclusive as pausas para descanso,⁴¹ num enaltecimento do desempenho que antecipa a valorização contínua da *performance* que vivemos hoje. O modo de operação em Sade seria pautado por "uma atividade intensa e funcional", organizada de forma que "nenhum instante fica ocioso" e "nenhuma função permanece inativa".⁴²

A semelhança com o cotidiano nas organizações de trabalho contemporâneas nos parece evidente. Nas corporações de nosso tempo, "quem não entrega cai fora".⁴³ Além disso, testemunhamos o recurso frequente à metáfora da prática esportiva. O esporte de competição fornece uma representação acurada para a racionalidade neoliberal na medida em que mobiliza valores ligados não apenas ao desempenho, mas também à rivalidade, sendo, por isso, continuamente evocado em mensagens publicitárias, livros, matérias jornalísticas, etc., participando ativamente da formação do imaginário do empreendedor de si sob o neoliberalismo. A intensa e contínua atividade dos protagonistas sadianos aproxima-se, nesse sentido, da *performance* pretendida por sujeitos bilionários e não bilionários em nosso tempo.

Podemos pensar que as metáforas do esporte e da máquina se interconectam sob os processos de subjetivação neoliberais, já que a expectativa de uma produtividade crescente e sem limites aponta para a demanda por uma *performance* maquínica, desempenhada por corpos que seguem trabalhando mesmo cansados e sob contínua pressão.

6. Enumeração

O título do primeiro romance de Sade – *Os 120 dias de Sodoma* – já sugere que serão muitas as listas e balanços de realizações contidas em suas ficções.⁴⁴ As "altas cifras",⁴⁵ escreve Eliane Robert Moraes, proporcionam satisfação aos senhores do deboche por configurarem a expressão soberana do poder, da abundância e da riqueza; "nada excita mais do que uma grande quantidade".⁴⁶ Esse desejo superlativo leva os

⁴⁰ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 147.

⁴¹ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 87.

⁴² ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 87.

⁴³ CORREA, *Sonho grande*, p. 76.

⁴⁴ MORAES, *Perversos, amantes e outros trágicos*, p. 74.

⁴⁵ MORAES, *Perversos, amantes e outros trágicos*, p. 74.

⁴⁶ MORAES, *Perversos, amantes e outros trágicos*, p. 74.

protagonistas sadianos a buscarem sempre "marcos inatingíveis",⁴⁷ e mais do que isso a procurarem sustentar a continuidade da própria busca. Não há em tal projeto uma perspectiva de esgotamento, mas sim de perpetuação, de prolongamento, de produção de um tempo contínuo,⁴⁸ escreve Barthes – um projeto onde a conclusão não é um objetivo e tampouco uma possibilidade.

Levar o procedimento de enumeração ao limite parece apontar para o gozo com a própria abstração. O "espírito matemático"⁴⁹ de que nos fala Deleuze a respeito de Sade também parece apontar nessa direção, assim como as operações de repetição, condensação e aceleração⁵⁰ levadas a cabo pelos personagens do autor setecentista. Entendemos condensação como a escolha por não se deter, não demorar-se nos eventos, mas antes comprimi-los em apanhados de ações rápidas e repetidas. A aceleração, assim como a condensação, apontam para um acúmulo que amplifica as quantidades e as cifras.

O gosto por quantidades nos parece um interesse compartilhado por personagens sadianos e bilionários. Vladimir Safatle⁵¹ recorda uma passagem de *Cosmópolis*, romance do escritor estadunidense Don DeLillo,⁵² onde a personagem Vija Kinski – "chefe de teoria" do bilionário Eric Packer, protagonista da trama – argumenta que o superrico adquire a própria cifra de US\$ 104 milhões ao gastar US\$ 104 milhões. A materialidade do que é adquirido é irrelevante – o número é o que está em questão.⁵³

A única coisa que importa é o preço que se paga. Você mesmo, Eric, pense só. O que é que você comprou por cento e quatro milhões de dólares? Não foram dezenas de cômodos, vistas incomparáveis, elevadores privados. Nem o quarto rotativo nem a cama computadorizada. Nem a piscina nem o tubarão. O espaço aéreo? Os sensores de controle e o *software*? Não, nem os espelhos que dizem como você se sente quando se olha neles de manhã. Você gastou esse dinheiro pelo próprio número em si. Cento e quatro milhões. Foi isso que você comprou. E valeu a pena. O número se justifica por si só.⁵⁴

A disposição predominante nas empresas tematizadas por Correa parece convergir com a figuração de DeLillo. Sobre os sócios de uma das instituições financeiras abordadas pela autora, lemos que "a maior preocupação dos novos milionários forjados no banco era ficar ainda mais milionários".⁵⁵ Também aqui a saturação parece apontar para o absoluto, como acontece com os protagonistas sadianos: satisfazer-se não parece ser o objetivo final, e sim manter-se desejante.

7. Intercambialidade

Depois de enumerados os deboches, os personagens sadianos dedicam-se a combiná-los em numerosas variações. Moraes lembra que a combinatória também é

⁴⁷ MORAES, *Perversos, amantes e outros trágicos*, p. 75.

⁴⁸ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 147.

⁴⁹ DELEUZE, *Sacher-Masoch*, p. 22.

⁵⁰ DELEUZE, *Sacher-Masoch*, pp. 29-30.

⁵¹ Cf. SAFATLE, *O circuito dos fetos*.

⁵² Cf. DELILLO, *Cosmópolis*.

⁵³ SAFATLE, *O circuito dos fetos*, p. 134.

⁵⁴ DELILLO, *Cosmópolis*, pp. 79-80.

⁵⁵ CORREA, *Sonho grande*, p. 153.

fonte de gozo para os protagonistas de Sade, pois multiplica as possibilidades de ação e faz crescerem as listas, gerando, mais uma vez, grandes cifras. Além disso, a combinatória induz ao gozo porque aponta para a intercambialidade dos objetos de deboche, compreendidos como corpos indistintos, o que dá ao protagonista sadiano a certeza de que seus parceiros podem ser prontamente substituídos sempre que desejado, evidenciando mais uma vez a fantasia de absoluto que fundamenta os escritos do autor. A combinatória expressaria uma "recusa frontal ao sentimento amoroso",⁵⁶ blindando os sujeitos contra afetos gregários e garantindo "o mais alto grau de rentabilidade do sistema".⁵⁷

Vemos também aqui uma possível correlação com as práticas neoliberais. As demissões em massa e o "controle de custos inclemente"⁵⁸ presentes nas práticas corporativas apontam para a impessoalidade e para a fungibilidade dos sujeitos, tornados "nômades do trabalho",⁵⁹ marcando a forma de vida neoliberal e os processos de subjetivação que a fundamentam. A produção de indiferença⁶⁰ que experimentamos hoje aproxima-se, em nossa leitura, da intercambialidade de sujeitos tornados objetos que encontramos nas ficções sadianas.

8. Linguagem demonstrativa

Os deboches são explicitamente descritos e pormenorizados na literatura de Sade. A linguagem nesses trechos do texto é direta, denotativa. Sade parece propor, interpreta Barthes, um "léxico sem sujeito"⁶¹ que se pretende aparentado à linguagem matemática da ciência.

As cenas de deboche são frequentemente entremeadas por longas dissertações filosóficas nas quais os protagonistas das tramas argumentam racionalmente em prol de suas condutas. Deleuze compreende as dissertações sadianas como demonstrações – "uma demonstração que se confunde com a solidão perfeita e a onipotência de quem demonstra".⁶² A linguagem seria nesses momentos uma expressão de violência não por sua baixeza, mas por "todo o seu rigor, toda a sua serenidade, toda a sua calma".⁶³ O caráter impessoal do sistema sadiano – aquilo talvez que Barthes chama de léxico sem sujeito – o aproximaria de uma "Ideia da razão pura",⁶⁴ sugere Deleuze: o debochador procura se impor através da linguagem demonstrativa imbuída de "espírito matemático".

Bataille também percebe nas dissertações dos personagens de Sade uma tentativa de afirmar a soberania dos excessos pela argumentação racional; procedendo assim, contudo, os senhores do deboche romperiam com o silêncio que para Bataille é próprio à violência, instituindo um paradoxo. "A violência", escreve, "nunca diz que existe, e nunca afirma um direito de existir".⁶⁵ dá-se sem anúncio. Na mesma direção, afirma Deleuze: "a

⁵⁶ MORAES, *Perversos, amantes e outros trágicos*, p. 76.

⁵⁷ MORAES, *Perversos, amantes e outros trágicos*, p. 76.

⁵⁸ CORREA, *Sonho grande*, p. 36.

⁵⁹ MBEMBE, *Crítica da razão negra*, p. 15.

⁶⁰ MBEMBE, *Crítica da razão negra*, p. 15.

⁶¹ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 158.

⁶² DELEUZE, *Sacher-Masoch*, p. 21.

⁶³ DELEUZE, *Sacher-Masoch*, p. 21.

⁶⁴ DELEUZE, *Sacher-Masoch*, pp. 22 e 25.

⁶⁵ BATAILLE, *O erotismo*, p. 216.

violência é aquilo que não fala, que pouco fala".⁶⁶ Já Barthes compreende as dissertações filosóficas nas obras de Sade como manifestações de eroticidade. Elas seriam o momento de apresentação do erótico de formas não óbvias, através do raciocínio, do sistema, das máximas.⁶⁷ A palavra teria em Sade o sentido de diferenciar os senhores dos outros, instituindo uma relação de poder. "O senhor é aquele que fala, que dispõe da linguagem por inteiro",⁶⁸ ao passo que seus objetos se calam, mutilados. A vítima em Sade "não é aquele ou aquela que sofre, mas aquele ou aquela que tem determinada linguagem"⁶⁹ – ou ainda, que não tem linguagem. Ter a possibilidade da palavra é condição para exercer a imaginação e o poder.⁷⁰

Em acordo com as leituras que apresentamos e testando aproximá-las de nossa hipótese, julgamos perceber nas manifestações dos grandes acumuladores neoliberais uma expressão do "espírito matemático" e da linguagem silenciosa da violência de que nos falam Deleuze e Bataille – manifestações essas também eróticas, se pensarmos no erotismo sadiano contido no raciocínio, no sistema e na máxima. Os grandes acumuladores de nosso tempo utilizam a linguagem do poder descrita por Bataille, já que não vocalizam a violência abertamente. Também vemos uma homologia entre as demonstrações contidas nas dissertações filosóficas sadianas e a linguagem da austeridade utilizada nos discursos neoliberais. Através do semblante aparentemente científico dessa linguagem, tais agentes protegem-se de antagonizações frontais às suas práticas, criando condições para sua perpetuação.

9. Moto-contínuo

Deleuze vê em Sade o projeto de alguém que pretende tudo realizar.⁷¹ Como parte desse desejo superlativo, o programa sadiano reclamaria o esforço por instaurar não apenas mecanismos que operem em moto-contínuo (como as sessões de deboche), mas também instituições de tipo moto-contínuo⁷² (caso das sociedades secretas fabuladas pelo autor). Deleuze e Blanchot recuperam um mesmo exemplo para ilustrar esse desejo por um movimento incessante que aponta para o absoluto: a personagem Clairwil afirma que gostaria de se manter em atividade mesmo enquanto dorme.⁷³

O moto-contínuo da narrativa sadiana assemelha-se a uma "sequência de retalhos cosidos", escreve Barthes, enumerando cenas libidinosas, dissertações filosóficas,

⁶⁶ DELEUZE, *Sacher-Masoch*, p. 18.

⁶⁷ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 173.

⁶⁸ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 23.

⁶⁹ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 171.

⁷⁰ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, pp. 23-24.

⁷¹ DELEUZE, *Sacher-Masoch*, pp. 73-74.

⁷² DELEUZE, *Sacher-Masoch*, p. 77.

⁷³ DELEUZE, *Sacher-Masoch*, p. 29; BLANCHOT, *Lautréamont et Sade*, p. 35 *apud* BATAILLE, *O erotismo*, p. 201. Lembramos aqui de mais uma passagem do romance *Cosmópolis*, de Don DeLillo. Em conversa com o bilionário protagonista da trama, o "chefe de tecnologia" de sua empresa afirma: "[...] tem mil coisas que a gente analisa a cada dez minutos. Padrões, razões, índices, mapas inteiros de informações. [...] As pessoas comem e dormem à sombra do que fazemos" – apontando, conforme o lemos, para a atividade incessante e onipresente das dinâmicas neoliberais e para o desejo de seus agentes de sustentar tal moto-contínuo (DELILLO, *Cosmópolis*, p. 21).

viagens, programas de orgias, descrições de máquinas.⁷⁴ Barthes nomeia essa narrativa vigorosa e incessante de "romance rapsódico (sadiano)", asseverando que ele "não tem *sentido*, nada o obriga a progredir, amadurecer, terminar".⁷⁵

Pensamos no moto-contínuo como um movimento inercial. Uma vez começado, o mecanismo se auto-perpetua, sem que para isso seja preciso haver um projeto, um sentido, uma finalidade. Tais características nos remetem, mais uma vez, às dinâmicas neoliberais de acumulação. Ainda que se possa argumentar que as práticas de produção, trabalho e aquisição tenham como lastro necessidades materiais humanas, vemos no movimento perpétuo de acumulação um eixo irracional e mesmo religioso, no sentido dado ao termo por Weber: o fundamento desse moto-contínuo é transcendente porque excede em muito o domínio da materialidade, instituindo-se como um fim em si mesmo.⁷⁶ O moto-contínuo da acumulação aponta para o absoluto e para uma imaginária infinitude, tal qual os mecanismos do deboche sadiano.

10. Enclausuramento

"O lugar sadiano é único: só se viaja para se ficar fechado", provoca Barthes.⁷⁷ Ainda que os personagens de Sade frequentemente iniciem suas aventuras realizando longas viagens, seu destino inexorável parece ser a clausura. Fechados em "castelos, mosteiros, fortalezas",⁷⁸ os protagonistas do deboche formam uma sociedade completa, cujo modo de organização institui uma estrutura independente e autônoma em relação ao mundo exterior. "É a clausura que permite o sistema",⁷⁹ formula Barthes – o isolamento possibilita e alimenta a imaginação, que somente assim pode dar vazão aos excessos voluptuosos.⁸⁰

A imagem do castelo é indissociável da figura do abismo. A fortaleza sadiana precisa ser protegida por um fosso abismal, geografia que a separa, que a dissocia do resto do mundo. Moraes sugere que a imagem do abismo seria a tópica sadiana por excelência: ele é imprescindível à inviolabilidade do castelo.⁸¹

⁷⁴ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 165.

⁷⁵ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 166, grifo do autor.

⁷⁶ "Acima de tudo, este é o *summum bonum* dessa 'ética': ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, no mais rigoroso resguardo de todo gozo imediato do dinheiro ganho, algo tão completamente despido de todos os pontos de vista eudemonistas ou mesmo hedonistas e pensado tão exclusivamente como fim em si mesmo, que, em comparação com a 'felicidade' do indivíduo ou sua 'utilidade', aparece em todo caso como inteiramente transcendente e simplesmente irracional" (WEBER, *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*, p. 46).

⁷⁷ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 4.

⁷⁸ MORAES, *Sade*, p. 24.

⁷⁹ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 6.

⁸⁰ Bataille menciona a importância do isolamento e da reserva na configuração do espaço destinado à desordem erótica ao falar as motivações para a ocupação humana das cavernas de Lascaux. Interroga-se se poderia haver "um lugar mais favorável para tal desordem", já que "a obscuridade impenetrável é a virtude elementar de todo enigma" (BATAILLE, *Les larmes d'Éros*, pp. 597-598, tradução nossa). Também Blanchot afirma a imprescindibilidade do isolamento na consecução do deboche sadiano: "Sade, de muitas maneiras, formulou esta ideia de que os maiores excessos do homem exigiam o segredo, a escuridão do abismo, a solidão inviolável de uma cela" (BLANCHOT, *Lautréamont et Sade*, pp. 17-18, tradução nossa).

⁸¹ MORAES, *Sade*, p. 63.

Podemos talvez pensar nos muros dos condomínios como nossos abismos contemporâneos. Christian Dunker descreve o condomínio brasileiro como "uma região, isolada do resto, onde se poderia livremente exercer a convivência e o sentido de comunidade entre iguais",⁸² uma área de "extraterritorialidade protegida, um espaço abrigado onde se concentraria a realização do prazer retinto de liberdade",⁸³ e complementa: "o estatuto português e brasileiro do condomínio provém do conceito de defesa, cujo modelo é o forte de ocupação".⁸⁴ Levando essa imagem ao paroxismo, chegamos aos *bunkers*, espaços que se pretendem, como os castelos de Sade, invioláveis e radicalmente "fora do alcance da visão dos outros":⁸⁵ fortalezas neoliberais em um mundo em degelo.

11. Alianças entre iguais

Os personagens de Sade têm uma relação de amizade pouco abordada por seus comentadores, assinala Moraes. Entre os quatro protagonistas de *Os 120 dias de Sodoma* não se observa "nenhum desacordo, nenhuma controvérsia e, sobretudo, nenhum rompimento".⁸⁶ A "Sociedade dos amigos do crime", agremiação fabulada por Sade, é "um templo de amizade. Dos quarenta e cinco artigos que compõem seu estatuto, pelo menos a metade toca na questão da solidariedade entre os associados".⁸⁷ Trata-se, contudo, de uma amizade que se dá apenas entre iguais. Aos outros, nenhuma solidariedade é destinada; somente onde há total identidade é possível cultivar lealdade e simpatia. "Unidos como num seio familiar",⁸⁸ onde "a maior confiança possível é estabelecida",⁸⁹ nas palavras de Sade, seus personagens compartilham livremente preferências e confidências, protegidos pelo abismo de uma imaginária diferença em relação a todos os demais.

Pensamos ser possível estabelecer uma homologia entre essa forma específica de amizade e as alianças que se dão entre pessoas brancas nas organizações de trabalho sob o neoliberalismo, perpetuando poderes e ensejando práticas de acumulação. Em *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*, Maria Aparecida Silva Bento pontua que as instituições se apresentam como espaços neutros, asseguradores de oportunidades iguais para todos; a desigualdade de raça, contudo, mostra-se concretamente quando é aferido o baixo número de pessoas negras nas posições de maior prestígio e remuneração nas organizações privadas e no poder público. A autora avalia que "os critérios de alocação de pessoas não são nítidos e a rede de relações interpessoais é reconhecida como importante na definição de postos de trabalho".⁹⁰ As alianças narcísicas descritas por Bento circunscrevem espaços protegidos e reforçam a manutenção de estruturas e práticas que funcionam como

⁸² DUNKER, *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, p. 47.

⁸³ DUNKER, *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, p. 53.

⁸⁴ DUNKER, *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, p. 50.

⁸⁵ MORAES, *Sade*, p. 62.

⁸⁶ MORAES, *Sade*, p. 75.

⁸⁷ MORAES, *Sade*, p. 75.

⁸⁸ SADE, *L'histoire de Juliette*, v. 7, p. 20, *apud* MORAES, *Sade*, p. 75.

⁸⁹ SADE, *L'histoire de Juliette*, v. 7, p. 22, *apud* MORAES, *Sade*, p. 75.

⁹⁰ BENTO, *Pactos narcísicos no racismo*, p. 123.

dispositivos de poder, provendo condições para a acumulação. Estabelece-se entre pessoas brancas um pacto não enunciado, através do qual silencia-se, omite-se ou interdita-se a explicitação dos arranjos que mantêm a desigualdade racial dentro das organizações. Por estarem fundamentadas em dinâmicas inconscientes, "as barreiras interpostas aos processos de mudança na distribuição de negros e brancos no espaço institucional são barreiras fortes, profundas, que não cedem com facilidade".⁹¹

Os processos de subjetivação em curso sob o neoliberalismo mostram-se, assim, imbricados com o racismo enquanto processo histórico fundamental para a concentração persistente de poder e riqueza, possibilitando a acumulação bilionária por pessoas brancas, sobretudo homens.⁹² Segundo nossa leitura, o compartilhamento entre pares observado na literatura de Sade encontra, deste modo, uma homologia nas alianças narcísicas.

12. Saturação

As vítimas em Sade são de diversas camadas sociais; já os protagonistas dos deboches são sempre ricos.⁹³ Além de imprescindível à materialização das complexas e sofisticadas empreitadas, o dinheiro tem na obra sadiana o sentido de lugar de separação, diferenciando senhores de não senhores, como o abismo que aparta os sítios de deboche do resto do mundo. Garantida a separação, a abundância se materializa de diversas formas: são reservas infinitas, sejam elas "de dinheiro, de energia, de corpos, ou do que mais for necessário para sua plena realização".⁹⁴ Moraes cita algumas cifras do esbanjamento que dão a ver seu excesso e também sua inverossimilhança:

Em Silling, a ceia é servida pontualmente às dez horas da noite. O cardápio é impecável: no primeiro serviço, sopa de mariscos acompanhada de vinte qualidades de frios; no segundo, vinte entradas, logo substituídas por outras vinte, mais leves e preparadas exclusivamente com carnes brancas de diferentes tipos de aves e animais de caça. A essas entradas se sucedem os assados, que excitam sobremaneira o paladar libertino: trata-se de um serviço composto de pelo menos doze pratos, no qual, diz Sade, "encontra-se tudo o que de mais raro se possa imaginar". Seguem-se diversas qualidades de massas, frias e quentes, que, depois de saboreadas, dão lugar ao serviço de pratos intermediário, composto de vinte e seis iguarias das mais variadas procedências e com os mais finos sabores. Doces de todos os tipos – compotas, sorvetes e chocolates – compõem a sobremesa, que inclui ainda prodigiosa variedade de frutas.⁹⁵

⁹¹ BENTO, *Pactos narcísicos no racismo*, p. 160.

⁹² Lemos em *Sonho grande* a respeito da ausência de mulheres entre os sócios de uma das instituições financeiras tematizadas no livro: "[...] cerca de 40 funcionários alcançaram o topo. Curiosamente, nunca houve uma mulher no pelotão de elite" (CORREA, *Sonho grande*, p. 59). Além disso, acrescenta o texto, "o fato de praticamente não haver mulheres no banco também ajudava a deixar o ambiente com um jeitão de colégio interno" (CORREA, *Sonho grande*, p. 59).

⁹³ BARTHES, *Sade, Fourier, Loyola*, p. 13.

⁹⁴ MORAES, *Perversos, amantes e outros trágicos*, p. 74.

⁹⁵ MORAES, *Sade*, pp. 169-170.

Não se trata, como percebemos, da descrição de um banquete factível, mas de dar corpo à saturação,⁹⁶ ao absoluto, a uma condição na qual nada falta. Apenas a perspectiva de infinitude pode satisfazer o desejo sadiano, ou melhor, apontar na direção de sua satisfação, mas sem jamais satisfazê-lo de fato. Tal parece-nos ser a disposição também entre os maiores acumuladores financeiros de nosso tempo: o que está em jogo é uma espécie de "produção da insaciedade",⁹⁷ um apetite que não se basta.

Apontamentos finais

É preciso lembrar, insistem Barthes e Moraes, que Sade é sobretudo um escritor. O universo sadiano é o da literatura, e a grandiloquência de seus personagens é tornada possível precisamente pela natureza ficcional de seus escritos. O que há de violento na imaginação de Sade – a negação absoluta da alteridade e a afirmação incondicional da vontade individual – parece ser o mesmo que se esquia ao pensamento, mas é colocado em prática pelo sujeito neoliberal através da "apologia constante da transgressão como nova norma"⁹⁸ que transforma relações em transações. O autor setecentista representa o que imagina, mas não se aplica em praticá-lo. Imaginar, lembra Moraes, não é o mesmo que passar aos atos.⁹⁹

Os textos de Sade devem ser lembrados, portanto, como ficções. Ao tratarmos dos predicados de seus personagens, falamos em condutas e índoles imaginadas. Quando as cotejamos com as práticas dos bilionários de nosso tempo, tencionamos investigar se haveria nos sujeitos sadianos algo que pudesse nos ajudar a compreender os processos de subjetivação dos grandes acumuladores financeiros. Estes são, contudo, pessoas reais. Suas condutas têm consequências concretas nas vidas de seus contemporâneos. Entendemos assim que a possível atualização, na figura dos bilionários, de condutas expressas pelos personagens de Sade carrega em si um componente trágico.

A despeito dos indícios trazidos pelo mundo, os heróis trágicos agem de modo a causar sua própria ruína e a ruína dos que os cercam. Ao dar corpo ao impossível de Sade – o absoluto, que, se pode ser imaginado, só se atualiza no real às custas de inominável sofrimento, devastação e aniquilação –, os agentes da abstrata e desmedida acumulação ocupariam talvez o lugar de anti-heróis trágicos em nosso tempo, levando a cabo aquilo que deveria estar circunscrito ao domínio da imaginação.

⁹⁶ Tal intenção é descrita por Moraes como um "desejo de abarcar as maiores quantidades, de alcançar os marcos inatingíveis, de realizar a derradeira somatória, insinuando a aposta em um projeto que busca a saturação" (MORAES, *Perversos, amantes e outros trágicos*, p. 75).

⁹⁷ MORAES, *Sade*, p. 174.

⁹⁸ DARDOT; LAVAL, *A nova razão do mundo*, p. 370.

⁹⁹ Escreve Moraes: "há que se diferenciar entre o terror na literatura e aquele que se pratica nas ruas. Conceber o inconcebível é tarefa dos romancistas; cabe aos carrascos, e não a eles, praticar o impraticável" (MORAES, *Lições de Sade*, p. 72).

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Excurso II: Juliette ou esclarecimento e moral. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. pp. 81-110.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BATAILLE, Georges. Les larmes d'Éros. In: *Oeuvres complètes*, v. 10. Paris: Gallimard, 1987. pp. 573-598.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BLANCHOT, Maurice. La raison de Sade. In: BLANCHOT, Maurice. *Lautréamont et Sade*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1963. pp. 15-49
- CORREA, Cristiane. *Sonho grande*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DELILLO, Don. *Cosmópolis*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DUNKER, Christian. Topologia da segregação. In: DUNKER, Christian. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015. pp. 47-58.
- KANT, Immanuel. *A metafísica dos costumes*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2003.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MORAES, Eliane Robert. Inventário do abismo. In: MORAES, Eliane Robert. *Perversos, amantes e outros trágicos*. São Paulo: Iluminuras, 2013. pp. 73-77.
- MORAES, Eliane Robert. *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- MORAES, Eliane Robert. *Sade: a felicidade libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SADE, Donatien Alphonse François de. L'histoire de Juliette. In: SADE, Donatien Alphonse François de. *La nouvelle Justine, ou les malheurs de la vertu: suivie de L'histoire de Juliette, sa soeur*. [Paris]: En Hollande, 1797. v. 5 a 10.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOBRE A AUTORA

Paula de Toledo Ordonhes

Possui mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (2022), graduação em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado (2001) e graduação em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas (2000). E-mail: paula.ordonhes@protonmail.com.